

TEM BONS SONHOS

MASSIMO GRAMELLINI

TEM BONS SONHOS

Tradução de
JOSÉ J. C. SERRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

Muito mais importante do que
o que sabemos ou não sabemos
é o que não queremos saber.

ERIC HOFFER

Como todos os anos, no último dia do ano fui buscar a Madrinha para a levar à minha mãe.

A Madrinha é uma madeira antiga bem conservada. Vive sozinha numa casa cheia de luz, onde lê livros policiais e conversa com as fotografias emolduradas do seu marido. De vez em quando, muda de prateleira e conversa com a fotografia da minha mãe, sobretudo sobre mim.

Imagino que não lhe revele as informações mais escabrosas. Que tive duas mulheres, embora uma de cada vez. E que acabei por não ser advogado.

Enquanto a ajudava a vestir o sobretudo, foi ela quem levou a conversa para o romance que lhe tinha oferecido no Natal.

— Acabei de o ler esta noite...

— Gostaste, embora não seja um policial?

— Claro, foste tu que o escreveste.

— E as páginas sobre a minha mãe?

— É sobre isso mesmo que gostava de te falar.

— São as únicas autobiográficas. Enfiei um pedaço da minha história lá dentro.

— Tens a certeza de que é a tua história?

— Porquê? Não é?

— As coisas não se passaram exatamente assim... Meu querido rapaz, tenho uma coisa para te dar.

Vi-a manusear umas chaves pequeninas à volta das gavetas da cómoda. Nas suas belas mãos cheias de nós, despontou um envelope castanho.

Entregou-mo com a voz a tremer.

— Depois de quarenta anos, chegou a hora de alguém te dizer a verdade.

QUARENTA ANOS ANTES

CAPÍTULO UM

Quarenta anos antes, no último dia do ano, despertei tão cedo que julguei ainda estar a sonhar. Recordo-me do cheiro da minha mãe no meu quarto, do seu roupão aos pés da cama. Que fazia ali?

E, depois, a neve no parapeito, as luzes acesas pela casa toda, um ruído de passos arrastados e aquele gemido de criatura ferida.

— Nãoooooo!

Calço as pantufas nos pés errados, mas não há tempo para remediar. A porta já chia sob o impulso das minhas mãos e vejo-o no meio do corredor ao lado da árvore de Natal.

O meu pai.

O carvalho da minha infância, vergado como um salgueiro por uma força invisível e agarrado pelas axilas por dois desconhecidos.

Trazia vestido o roupão roxo que a minha mãe lhe oferecera. Aquele que tinha o cordão dos cortinados a substituir o cinto. Mexia-se aos repelões, pontapeando e contorcendo-se.

Assim que se apercebeu da minha presença, ouvi-o murmurar:

— É o meu filho... Por favor, levem-no para casa dos vizinhos.

Deixou cair a cabeça para trás e bateu com ela na árvore de Natal. Um anjo com asas de vidro perdeu o equilíbrio e estatelou-se no tapete.

Os desconhecidos eram silenciosos mas gentis e deixaram-me no apartamento da frente, em casa de um casal de reformados.

Tiglio e Palmira.

Tiglio vivia a vida por detrás da couraça imutável do seu pijama às riscas e com o conforto de uma obstinada surdez. Só comunicava por escrito, mas nessa manhã recusava-se a responder às perguntas que eu lhe tinha rabiscado em maiúsculas na margem do jornal.

ONDE

ESTÁ

A MÃE?

RAPTARAM

O PAI?

Deviam ter entrado bandidos em casa durante a noite... Seriam aqueles dois que o seguravam pelos sovacos?

Palmira apareceu com os sacos das compras.

— O teu pai teve uma ligeira dor de cabeça. Mas já está melhor. Aqueles senhores eram os médicos que o examinaram.

— Porque é que não tinham batas de médico?

— Só a vestem no hospital.

— E porque é que eram dois?

— Os médicos do pronto-socorro são sempre dois.

— Ah, claro. Assim, se um ficar doente de repente, o outro pode curá-lo. Onde está a minha mãe?

— O teu pai foi com ela fazer um recado.

— E quando volta?

— Daqui a pouco. Queres um chocolate quente?

Na falta da minha mãe, contentei-me com o chocolate quente.

Algumas horas depois, fiquei à guarda dos melhores amigos dos meus pais.

Giorgio e Ginetta.

Acho que nunca olhei para eles como entidades separadas. A minha mãe e o meu pai tinham-se conhecido no casamento deles, uma circunstância que não parava de estimular as engrenagens do meu pequeno cérebro.

— Mamã, ouve: se o Giorgio e a Ginetta se tivessem esquecido de vos convidar para a festa, terias sido tu a minha mãe ou seria outra convidada?

Tinha uma língua incansável, apesar de estar cheia de cortes e de remendos como o avental de um artesão.

— É um milagre que o seu filho ainda consiga falar com um aparelho deste género na boca — explicara o pediatra à minha mãe.

— O milagre de que precisamos agora é outro, senhor doutor: conseguir que de vez em quando fique calado — pondera ela. — Com a lábia dele, ainda me sai advogado.

Eu não concordava. Queria deixar de falar e começar a escrever. Quando me convencia de que algum adulto tinha cometido uma injustiça para comigo, agitava-lhe uma caneta por baixo do queixo:

— Quando for grande, hei de escrever tudo isto num livro com o título *Eu criança*.

O título podia ser melhorado, mas o livro seria uma bomba.

Mas na verdade teria preferido ser pintor. Aos seis anos, já tinha pintado a minha última obra-prima. *A Mãe Come Um Cacho de Uvas*. O cacho era o dobro da minha mãe em altura, os bagos pareciam as bolas da árvore de Natal e o rosto da minha mãe era idêntico a um bago.

Ela pendurou-o na cozinha e mostrava-o com orgulho aos parentes de visita. Dos seus semblantes perplexos, recebi o primeiro responso existencial: a pintura jamais seria o meu talento. O mundo que tinha dentro de mim, teria de tentar desenhá-lo com as palavras.

Em casa de Giorgio e Ginetta entrou em cena o jantar de fim de ano mais triste da minha vida. Apesar das minhas tentativas para reavivar a conversa, eu e o filho de treze anos fomos mandados para o beliche às nove da noite, após um prato de esparguete e um bife, ambos com manteiga.

Não houve maneira de nos darem uma fatia de *panetone* nem uma explicação decente. A minha mãe e o meu pai tinham ido fazer um recado, o mesmo que tinham feito de manhã, ou outro, mas igualmente misterioso. E nós tínhamos de ir já para a cama.

Recordo a respiração regular do meu camarada de clausura na cama de cima. E o fogo de artifício às doze badaladas a manchar a escuridão do quarto através das persianas não perfeitamente baixadas.

Escondido por baixo dos lençóis, de olhos abertos e a cabeça a remoinhar como um carrossel encantado, continuava a questionar-me sobre o que teria feito de tão grave durante as férias de Natal para merecer semelhante castigo.

Tinha mentido duas vezes, respondido mal uma vez à minha mãe e dado um pontapé no rabo a Riccardo, o menino adepto da Juventus que morava no segundo andar.

Não me pareciam pecados graves, sobretudo o último.

CAPÍTULO DOIS

No dia de Ano Novo, Giorgio e Ginetta disseram-me que, no regresso do recado que tinham ido fazer, a minha mãe passara pelo hospital para ir fazer alguns exames. Havia meses que não parava de ir fazer recados e exames. E ainda por cima no hospital. Se fosse na minha escola, ainda a podia ensinar a copiar.

Imaginava-a a ter de resolver um dos problemas que a Professora nos tinha mandado fazer durante as férias. Um menino percorre três quilómetros e a cada dois hectómetros perde dois berlindes: quantos berlindes vai o menino perder ao fim de mil e novecentos metros?

Eu detestava os hectómetros. E aquele menino idiota, que perdia os berlindes por todo o lado e seguia o seu caminho como se nada fosse.

De tarde, o meu pai reapareceu para me levar de visita à minha mãe no hospital. Vinha branco.

— Vamos primeiro comprar flores para lhe levar — propus.

— Não. Primeiro vamos ter com o Baloo. Tem uma coisa importante para te dizer.

Teimei. Baloo era o padre que acompanhava os Lobitos, a secção infantil dos escuteiros onde eu andava havia alguns meses. Iria cumprimentá-lo de boa vontade, mas ele teria de esperar pela vez dele, pois não podia intrometer-se no caminho até à minha mãe.

A mediação de Giorgio e Ginetta propiciou um compromisso honroso. Logo a seguir ao encontro com Baloo, iríamos ao hospital, mas comprávamos as flores antes.

Apresentei-me no oratório dos escuteiros com um ramo de rosas vermelhas nos braços.

Do urso de *O Livro da Selva*, seu homónimo, Baloo tinha copiado os modos desajeitados e a bondade. Recebeu-nos na sala de reuniões dos Lobitos e mandou logo uma piada sobre o campeonato de futebol. Apesar de ter nascido em Buenos Aires e de viver em Turim como nós, era adepto do Cagliari do Gigi Riva.

Tinha cromos de futebol para me mostrar, mas o meu pai interrompeu-o:

— Mostra-lhos noutra altura, Baloo.

Ele suspirou e pediu-me para olhar para o teto: um céu de giz azul que eu tinha ajudado a pintar. Pousou uma mão enorme no meu ombro e com a outra apontou para o céu de giz.

— A tua mãe é o teu anjo da guarda, sabes? Há já algum tempo que ela pedia para voar lá para cima para te proteger melhor e, ontem, Deus chamou-a para ir ter Ele..

Senti uma colher de gelo a penetrar-me na barriga e a esvaziar-me toda. Voltei-me de repente para o meu pai à procura de algum indício que se assemelhasse a um desmentido, mas apenas vi que tinha os olhos vermelhos e os lábios brancos.

— Vamos rezar — disse Baloo.

— Dá-lhe, Senhor, o eterno descanso, nos esplendores da luz perpétua. Que descanse em paz. Assim seja.

A voz quente de Baloo ressoava pelas arcadas da igreja deserta.

De joelhos no primeiro banco, com o ramo de rosas apertado contra o peito, movia os lábios ao ritmo dele, mas do meu coração brotavam palavras diferentes.

«Dá-lhe, Senhor, um descanso breve. Acorda-a, dá-lhe um café e manda-a de imediato para aqui. É a minha mãe, percebeste? Ou a trazes Tu para baixo ou vou eu buscá-la aí acima. Escolhe. Mas depressa. E se eu agora fechar os olhos e quando os voltar a abrir já tiveres decidido? Assim seja.»

CAPÍTULO TRÊS

A minha mãe foi deposta na sala de estar e exposta à curiosidade dolente da vizinhança.

Recusei-me a vê-la. Ainda estava convencido de que regressaria. É da minha natureza não considerar irreparáveis as derrotas. Os filmes de que gosto mais são aqueles em que o protagonista perde tudo, mas, chegado à beira do abismo, recua um passo e começa a reviravolta.

Só na idade adulta aprenderia a não fugir dos caixões abertos. E descobriria que os defuntos empequenecem. Quase como se o fato de ossos encurtasse dois números depois de o espírito deixar de lhe soprar a vida.

Os defuntos empequenecem e os sobreviventes tornam-se malvados, como amantes rejeitados. Sentem-se magoados com o mundo que não sofre quanto eles.

O sofrimento tornava-me intratável. Já me acontecera o mesmo dois anos antes, quando ressuscitara da operação às amígdalas com a garganta inflamada e gritara aos médicos e parentes apinhados à minha cabeceira:

— Vão-se todos embora, só cá fica a minha mãe!

Também agora rosnava contra as visitas. Mas a minha descortesia em vez de as irritar parecia redobrar-lhes os esforços caridosos.

Não suportava as caras de circunstância, as carícias de quem mostrava pena de mim e as expressões estúpidas que pairavam no ar.

Que desgraça.

Tão jovem.

Pobre menino.

Mal feroz.

Como se existisse um mal manso, que te dava a esmola de te deixar vivo.

A operação às amígdalas devia ter sido um mal mansíssimo. A convalescença mantivera-me longe dos trabalhos de casa semanais, na companhia dos gelados da minha mãe e do meu refúgio secreto: o Submarino.

A uma certa hora da tarde, baixava as persianas e enfiava-me na cama ao contrário, com a cabeça no fundo e os pés debaixo da almofada.

Fazia as imersões sozinho, mas nos casos mais delicados fazia-me escoltar por Nemeček, o rapaz da Via Pál que numa página do livro lida pela minha mãe, e facilmente reconhecível porque a tinha manchado com a saliva amarga dos meus soluços, se arrasta para fora de casa, apesar de moribundo, para ajudar os camaradas na batalha decisiva.

Os inimigos sitiavam o Submarino por todos os lados. Mas eu, protegido pelo véu mágico dos lençóis, resistia aos seus assaltos até à chegada da minha mãe com a bandeja do lanche. Aquela fantasia transmitia-me uma sensação de segurança que, mais tarde, só viria a encontrar na escrita.

Na manhã do funeral, fechei-me no meu quarto e esperei que o caixão fosse levado de casa. Baixei as persianas, enfiava-me na cama ao contrário debaixo dos lençóis e entrei a bordo do Submarino com uma necessidade desesperada de declarar guerra ao mundo inteiro. Mas já não conseguia encontrar os meus inimigos. Estavam todos dentro de mim.

CAPÍTULO QUATRO

Como não regressava, comecei a odiá-la. Tentava não pensar nela, mas a cabeça era mais forte do que o meu propósito e nos momentos de cansaço acabava por vencer. Ficava então à deriva, arrastando detritos de recordações. O sabor dos seus bifés em manteiga. O cheiro bom dos seus cabelos quando a abraçava. A última vez em que tínhamos sido felizes.

Tínham passado na televisão o filme *Odisseia* e eu fiquei estarecido com o ciclope Polifemo que batia com os colegas de Ulisses contra as paredes da caverna e os enfiava na boca como se fossem ovinhos frescos.

Na minha imaginação, a voz de Polifemo sobrepunha-se à voz rouca e terrível do poeta Giuseppe Ungaretti. Era ele quem abria os episódios todos, recitando versos de Homero. Mal acabava de grasnar, começava o resumo com imagens dos episódios anteriores e assim, na semana seguinte, revi a cena dos ovinhos.

As crianças habituadas aos massacres televisivos acharão o repasto do ciclope um mero aperitivo dietético. Mas eu acordava no coração da noite com a sensação desagradável de ser um ovinho cobiçado pelo único olho de Polifemo. Após um breve duelo contra a escuridão, declarava-me derrotado e ia refugiar-me na cama grande dos meus pais.

Para pôr um travão àquelas migrações noturnas, indignas de um homenzinho de oito anos, a minha mãe tinha instalado

na minha mesinha de cabeceira um *abat-jour* de baixo consumo que ficava sempre aceso. Mas todos sabíamos que mais uma visão do ciclope ser-me-ia fatal.

Chegou a noite do último episódio e antes que no ecrã surgisse o resumo dos episódios anteriores eu fugi para a cozinha para junto da minha mãe. Abracei-a com força, cheirando os seus cabelos louros, até que o meu pai, na sala, deu sinal de que já não havia perigo.

As outras recordações eram confusas, rebeldes e esmagadas pelas últimas. Quando teria ela deixado de gostar de mim? Os seus famosos olhos azuis tinham-se apagado a seguir ao verão. De repente, tornara-se impertinente e sombria. Logo ela que tinha sempre um sorriso para toda a gente. Era evidente que esgotara as reservas.

Certa manhã, desapareceu «para ir fazer um recado». Vi-a regressar passados alguns dias, ainda mais triste. Em casa, partilhávamos as tarefas: o meu pai acariciava-a com palavras e eu falava-lhe com carícias. Mas a minha mãe parecia não dar troco a nenhum dos dois.

A Madrinha era a única amiga do coração e todos os domingos à tarde vinha visitá-la com o marido, o tio Nevio.

Eu esforçava-me por chamar a atenção dos homens, recorrendo ao meu repertório: leitura de menus imaginários («Aceitam uma lasanha de sapo?») e relatos de futebol improvisados. Mas, assim que o meu pai e o tio Nevio começavam a falar de política, ia a correr para a cozinha para me queixar.

— Eles não me dão atenção nenhuma!

A Madrinha ria-se. A minha mãe, pelo contrário, olhava para mim com uns olhos vazios que assustavam quase tanto como o de Polifemo.

Depois, passou a depender por completo de uma senhora muito boa que a ajudava nas lides domésticas.

Chamava-se Madamìn.

Era viúva, tinha dois filhos e trabalhava a dias por necessidade. No entanto, dir-se-ia que o que a motivava era a gentileza. A sua dignidade enobrecia os gestos mais humildes e fazia dela uma pessoa respeitável. Com ela, a minha mãe voltava a ser criança.

Na véspera do último dia do ano, irrompi cozinha adentro para dar uma notícia extraordinária.

— Mamã, prepara-te: convenci o papá a levar-nos a ver o novo filme do 007!

Começou a inventar desculpas.

— Sem a Madamìn, não vou.

Mas tinha-a convidado a sair comigo! Não lhe era suficiente? Eu não lhe bastava?

— Vai-te lixar — disse-lhe.

Vai-te lixar.

Fechei-me à chave no quarto e foi preciso a autoridade do meu pai para que eu desse a volta inversa à chave.

A minha mãe ficou o filme todo agarrada ao braço de Madamìn. *Agente 007 — Ao Serviço de Sua Majestade*. O primeiro sem Sean Connery, substituído por um James Bond de segunda categoria.

Teriam substituído também a minha mãe? Aquela pessoa já não era ela e tive a confirmação disso nessa mesma noite. A última em que a vi.

Chamou-me à cabeceira da sua cama e pediu-me desculpa pelo episódio do 007. Abraçámo-nos à maneira antiga, com a minha cabeça perdida nos seus cabelos a respirar-lhes o perfume.

Parecia ter voltado. Mas foi suficiente um surto de tosse para regressar ao mesmo estado. Com aquela voz queixosa, que desde então não suporto nem nos mendigos, recomendará-me pela enésima vez que me portasse bem com todos. E eu: sim, mamã, boa noite, já me posso ir embora?

— Tem bons sonhos, pequenino.

— Eu não sou pequenino. Falta pouco para ser mais alto do que tu.

— Pois falta. Mais alto e mais forte. Prometes?

Não a suportava. Desapareci para o meu quarto e, em sinal de protesto, enfei-me debaixo dos lençóis sem lavar os dentes, mergulhando num sono pesado.

O mistério do roupão abandonado foi-me revelado por Madamìn.

O Mal Feroz acordou a minha mãe durante a noite, mas ela pediu-lhe que esperasse mais um pouco, o tempo necessário para ir ajeitar-me o cobertor. Quando saiu do meu quarto, esqueceu-se do roupão e, chegada a este ponto, a narração de Madamìn interrompia-se sempre, dificultada por soluços.

Desconhecia como se sentia uma mãe acossada pelo Mal Feroz. Muito mal, certamente, apesar de as mães terem recursos inesgotáveis. Mas não era possível que a minha tivesse conseguido convencer o palerma a dar-lhe autorização para me vir ajeitar o cobertor.

Era uma tanga posta em circulação por uma pessoa dotada de escassa fantasia. Logo, pelo meu pai. Queria fazer-me acreditar que a minha mãe gostara de nós até ao último momento. Quando, pelo contrário, se tinha fugido com o Mal Feroz, era precisamente porque já não gostava de nós.

Que se tivesse fartado do meu pai, até conseguia compreender. Mas como podia ter deixado de me amar a mim?

Não ser amado é uma dor grande, mas não é a maior. A maior dor é deixar de ser amado. Nas paixões de sentido único, o objeto do nosso amor limita-se a negar-nos o seu. Tira-nos algo, que nos tinha dado apenas na nossa imaginação. Mas, quando um sentimento correspondido deixa de o ser, interrompe-se brutalmente o fluxo de uma energia partilhada. Quem foi

abandonado, sente-se chupado e cuspidado como um rebuçado amargo. Culpado de alguma coisa não muito bem definida.

Era assim que eu me sentia. Não tinha sabido impedi-la. Talvez tivesse ido procurar um filho que a soubesse desenhar melhor.

E no entanto sentia que iria voltar. Talvez com outro filho. Paciência. Aceitaria qualquer humilhação, desde que voltasse para mim.